

# Arquitetura, fé e poder no Vale do Paraíba: o Gymnásio São Joaquim de Lorena e o Sermão das Paredes (1890-1913)

Davi Coura Borges

Mestre em Educação pela PUC-SP. Professor efetivo de História da rede pública de ensino do estado de São Paulo e professor da rede particular de ensino.

## RESUMO

*O presente trabalho procura entender, à luz da História da Educação, as relações entre arquitetura, fé e poder no Vale do Paraíba. Para tanto, utiliza a arquitetura da Instituição Salesiana de Lorena, o Gymnásio São Joaquim, durante os anos de 1890 a 1913, entendendo-a como baluarte da Igreja Católica, para cristalização de seus dogmas no imaginário sócio-político da recente República Brasileira. Como fonte utiliza a revista O Grêmio, fundada em 1910 e redigida pelos alunos do grêmio Joaquim Nabuco, do Gymnásio São Joaquim. Utiliza também fontes iconográficas encontradas nas páginas da revista O Grêmio, no acervo de fotos do CEDOC (centro de documentação do Colégio São Joaquim), e da coleção particular do Professor e fotógrafo lorenense, Ércio Molinari.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Arquitetura escolar; Salesianos; Lorena; Instituições Escolares.*

## ABSTRACT

*This work intends to understand the relations among the architecture faith and power in Paraíba Valley analysed by the Education History. For this purpose, it was studied São Joaquim's architecture, from 1890 to 1913, belonging to Catholic Church. As data were used the magazine O Grêmio founded in 1910 and written by the students of Joaquim Nabuco, from São Joaquim High School. It used to photos of CEDOC (Center of document of São Joaquim High School) and the private collection of the teacher and photographer from Lorena, Ercio Molinary..*

## KEYWORDS

*School architecture; Salesianos; Lorena; School Institutions.*

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura entender, à luz da História da Educação, as relações entre arquitetura, fé e poder no Vale do Paraíba. Para tanto, utiliza a arquitetura da Instituição Salesiana de Lorena, o *Gymnásio São Joaquim*, durante os anos de 1890 a 1913, entendendo-a como baluarte da Igreja Católica, para cristalização de seus dogmas no imaginário sócio-político da recente República Brasileira.

Como lugar empírico de surgimento e reprodução da cultura da escola, as Instituições Escolares passaram a ser estudadas de forma mais sistemática, acompanhando o contexto de reformulação e inovações das pesquisas em História da Educação.

Pesquisadores portugueses como Justino Pereira de Magalhães e Antonio Nóvoa, com suas respectivas obras: *Contributo para a História das Instituições Educativas – Entre a Memória e o Arquivo* e *As organizações escolares em análise*, e o de André Petitat, *Produção da escola, produção da sociedade*, desenvolveram em seus países investigações que ampliaram as concepções sobre a cultura escolar, propondo novas tendências teórico-metodológicas para a investigação das Instituições Escolares.

Segundo Magalhães (2005, p. 98):

A história das instituições educativas é um domínio do conhecimento em renovação e em construção a partir de novas fontes de informação, de uma especificidade teórico-metodológica e de um alargamento do quadro de análise da história da educação, conciliando e integrando os planos macro, meso e micro. É uma história, ou melhor, são histórias que se constroem numa convergência interdisciplinar.

No Brasil, as pesquisas sobre Instituições escolares acompanham um horizonte comum com as produções de autores estrangeiros, sendo destaque as pesquisas sobre criação e desenvolvimento das instituições escolares, a arquitetura escolar, os processos de conservação e de mudança do perfil dos docentes e dos alunos e as formas de configuração e transformação do saber veiculado nessas instituições (GATTI JÚNIOR, 2002, p. 21). Como destaque temos os trabalhos de Ester Buffa e Paolo Nosella, *Schola mater: a antiga escola normal de São Carlos 1911–1933*, e *A escola profissional de São Carlos*, que nos mostram de um lado, uma escola vultuosa, voltada para a formação de uma elite econômica e política, que percebeu na educação e na aquisição cultural uma forma de se distinguir socialmente, e, de outro lado, um colégio arquitetonicamente modesto, voltado a atender uma população subalterna, mandada, desfavorecida economicamente, formada para atuar no trabalho mecânico.

Por meio desses trabalhos sobre Instituições Escolares uma nova concepção sobre a estrutura educacional brasileira esta se configurando, apoiando-se em novos sujeitos e objetos pertencentes ao espaço escolar. As pesquisas estão dando conta de uma história educacional inédita, revelando-nos vozes e rotinas passadas até então não consideradas e que contribuem para a elaboração, cientificamente estruturalizada, de uma nova História da Educação, que leva em conta as particularidades regionais e as singularidades das instituições de ensino.

A delimitação temporal desta pesquisa, 1890 a 1913 foi feita a partir das fontes selecionadas para a execução da mesma. Utilizei como fonte a revista *O Grêmio*, fundada em 1910 e redigi

da pelos alunos do grêmio Joaquim Nabuco<sup>1</sup>, do Gymnásio São Joaquim. Todos os exemplares dessa revista encontram-se atualmente no CEDOC (Centro de Documentação), do Colégio São Joaquim de Lorena.

Utilizo também fontes iconográficas encontradas nas páginas da revista O Grêmio, no acervo de fotos do CEDOC e da coleção particular do Professor e fotógrafo lorenense, Ércio Molinari. Estas, possibilitam um contato empírico com a arquitetura do prédio, com os alunos e professores da Instituição, com o cotidiano escolar, proporcionando um resgate do contexto cultural daquele momento histórico (KOSSOY, 1995).

## 2 A CIDADE DE LORENA E OS SALESIANOS

*“Terra, nova terra minha, que procuro servir, como o estrangeiro que, ofuscado, planta e colhe, ou como o neto que restaura em chão maior a residência dos avós e nele firma a casa de seus filhos, um lar de pedra para os filhos de seus filhos;”*

*(Péricles Eugênio da Silva Ramos)*

Os Salesianos são uma comunidade cristã fundada em 1859, em Turim (Itália) pelo padre italiano Giovane Bosco (Dom Bosco). O nome Salesiano vem de São Francisco de Sales, Bispo de Genebra no século XVII e patrono dos Salesianos. Segundo Dom Bosco, este Santo possuía qualidades essenciais para a edificação de sua obra, sendo exemplo a paciência e caridade pastoral.

No Brasil os salesianos se estabeleceram primeiramente em Niterói com o Colégio Santa Rosa no ano de 1883, depois em São Paulo com Liceu Coração de Jesus no ano 1885 e em Lorena com o Gymnásio São Joaquim durante o ano de 1890. Com o crescimento das comunidades com o passar dos anos tornou-se necessário a criação de novas casas e inspetorias em outros estados.

Guaypacaré, Terra das Palmeiras Imperiais ou Lorena, como hoje é conhecida, está localizada na Zona do Alto Vale do Paraíba. O povoado nasceu como ponto de apoio das expedições bandeirantes que iam para as Minas Gerais à procura de ouro. Passado o ciclo da exploração do ouro em Minas Gerais, Lorena como outras cidades vizinhas, vive um período de abandono, mas o Ciclo do Café no século XIX, proporcionou a oportunidade de recuperação da região.

Nas últimas décadas do século XIX, os antigos cafezais valeparaibanos esgotaram-se e foram transformados em pastagens para gado leiteiro. Os fazendeiros não conseguem manter a mão-de-obra dos ex-escravos nem dos imigrantes e, uma vez arruinados, vendem grande parte de suas propriedades.

---

Com a falta de mão-de-obra e o perecimento dos velhos cafezais, a pecuária ocupa o seu lugar, nas fazendas. As antigas famílias locais instalam-se na capital ou mudam-se para as

<sup>1</sup> Foi fundado em 1910, pelos alunos do curso Secundário do Ginásio. Nele eram feitas leituras, declamações, discutido assuntos relacionados ao cotidiano escolar e aos acontecimentos do mundo, como guerras e novidades tecnológicas. O Grêmio Joaquim Nabuco possuía uma biblioteca particular e uma sala própria para reuniões. Seus membros, secretários, presidente e vice-presidente eram indicados e eleitos pelos seus sócios.

novas regiões. Os mineiros, pecuaristas de leite e de gado de corte, vão comprando as velhas propriedades rurais decadentes, no vale paulista, a preço vil (MOTTA SOBRINHO, 1978, p. 103).

Em meio à estagnação econômica, ao quadro desanimador e ao despovoamento da região, ocorre a Proclamação da República e a vinda dos padres salesianos para Lorena em 1890.

Para situar os motivos e os fatores determinantes da instalação dos salesianos na região, apresento um rápido panorama da sua história e fundação<sup>2</sup>.

No ano de 1887 um comerciante rico da cidade, o Conde Moreira Lima, faz um convite aos Salesianos para que estes instalassem aqui a terceira casa no Brasil. A proposta foi aceita devido as facilidades oferecidas pelo Conde: doação de um prédio, de terrenos, mobílias e reformas necessárias, também pela localização da cidade, situada entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O terceiro colégio salesiano no Brasil começou a funcionar no dia 3 de março de 1890 e segundo seu primeiro diretor, padre Carlos Peretto, destinado “para estudos primário e secundário e ensino também de artes e ofícios, com o fim de dar aos meninos, juntamente com educação moral e religiosa, uma instrução proporcionada a sua condição e formá-los [...] virtuosos cidadão e bons operários” (AZZI, 1983. p. 234).

### **3 CONTEXTO RELIGIOSO, POLÍTICO E EDUCACIONAL DA VINDA DOS SALESIANOS PARA O BRASIL**

Para entendermos o amplo movimento de renovação, pela qual passou a instrução pública e particular, torna-se necessário verificar o papel atribuído à educação no final do século XIX e início do XX. A educação passa a ser a alavanca para a regeneração social e ferramenta capaz de colocar o Brasil na marcha dos países “civilizados”.

Como pioneiros neste processo de reformulação educacional, temos o Estado de São Paulo. Este, passa a ser referência e a ditar as regras e as inovações didático-pedagógicas de outros Estados do Brasil. Os republicanos paulistas “[...] mitificaram o poder da educação a tal ponto que depositaram nela não apenas a esperança de consolidação do novo regime, mas a regeneração da Nação” (SOUZA, 1998, p. 15).

Foi elaborado nesta época/gênese da República brasileira, um amplo projeto civilizador, no qual a educação popular passou a ser entendida como uma necessidade política e social, considerada uma ferramenta de controle e ordem, pacificadora e polidora dos costumes.

A vinda dos Salesianos para o Brasil e a fundação de seus colégios, entre eles o São Joaquim em 1890, inserem-se neste contexto de reformulações educacionais e também num momento, no qual, a Igreja Católica, procurou fundar uma série de colégios por todo o país na tentativa de formar uma elite dentro dos moldes do catolicismo ultramontano ou romanizado<sup>3</sup>.

2 Sobre a história do Gymnásio São Joaquim ver Evangelista (1991); sobre os salesianos e o contexto de sua vinda para o Brasil, suas relações com a sociedade e seus objetivos, Azzi (1998; 2000) e para um estudo exclusivo dos internatos salesianos e suas particularidades, ver Ponciano dos Santos (2000).

3 Durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiram em dois grupos: os chamados católicos regalistas, gali-

Estas, por sua vez, deveriam reproduzirem esse discurso nas diversas repartições publicas sob seu comando, na elaboração das leis, na administração burocrática do Estado, ou seja, introduzir os dogmas da Igreja católica sobre a sociedade, utilizando-se da elite política.

A Igreja após o advento da República brasileira vai tentar uma reaproximação com as elites na tentativa de garantir sua independência e ao mesmo tempo sua influência na administração da Pátria. Para isso, assume como bandeira de luta combater as idéias que ameaçavam o Estado, como o socialismo e exigindo em troca a aceitação do embricamento ideológico-religioso nas instituições do Estado, sendo um exemplo, a educação religiosa no ensino público. O Estado por sua vez, incapaz de suprir as demandas educacionais, utiliza-se dos estabelecimentos particulares de ensino no país, de modo a transferir suas responsabilidades para com a educação, principalmente com o Ensino Secundário.

A obra salesiana de Lorena, o Gymnásio São Joaquim, é um exemplo dessa aproximação entre as necessidades da Igreja Católica de se fortalecer e fazer frente ao ensino laico liberal.

Para tanto, muito além dos livros e das articulações políticas, os salesianos, em nome da Igreja, utilizam a arquitetura escolar para dissipar no imaginário coletivo o poder e as aspirações religiosas do catolicismo.

#### **4 O SERMÃO DAS PAREDES**

*Aqui, sob a direção do provector Ver. Sr. P. Antonio Dalla Via, mantem-se, em vasto e bello edificio, o Gymnásio S. Joaquim, o qual dá a centenas de jovens, a par de uma esmerada educação, profusa instrução (Norte Paulista, nº 345 de 5/10/1913, in: O Grêmio nº 6 de 1913).*

Ao ler a epígrafe acima, percebemos que a arquitetura do Gymnásio S. Joaquim de alguma forma chamava atenção daqueles que passavam os olhos sobre sua fachada e seu interior, o ginásio era entendido como um lugar, ou seja, uma construção para um fim determinado (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 1998).

Mais do que “vasto e bello”, o edifício com sua simetria, com seu estilo arquitetônico, com sua imponência e visibilidade, ostentava “uma forma silenciosa de ensino”, como Viñao Frago e Escolano (1998, p. 27) nos apresenta ao citar G. Mesmim (1967). Segundo Viñao Frago e Escolano (1998, p. 26):

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

Deste modo, se analisarmos estes edifícios como produtos culturais de sua época, dotados de intenções políticas, pedagógicas e sociais, sua materialidade passa a ser uma importante fonte histórica a ser investigada.

O Gymnásio São Joaquim, a partir de três de março de 1890, começou a funcionar em um pré-canos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma Igreja mais vinculada a sua Nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação política marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos”, que apregoavam uma adesão incondicional ao Papa, dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé. (AZZI, 1983, p. 27-28).

dio construído para ser casa episcopal dos padres da Igreja de São Benedito, anexa à construção. Com a doação para a Congregação Salesiana, foram feitas algumas reformas e adequações para o funcionamento das aulas, e “desde logo com bom número de alunos, padres, professores e pessoal necessário, comportando dormitório, refeitório e até um teatrinho no pavimento térreo, sendo considerado um chalet mágico<sup>4</sup>” (EVANGELISTA, 1991, p. 199).

Para os padres salesianos de Lorena, a construção de um novo prédio para o funcionamento do colégio atenderia um pressuposto pedagógico e como uma ferramenta para a propaganda da educação católica.

Buffa (2002, p. 32), tratando das relações entre a arquitetura e a educação neste período, apontam que “políticos republicanos e educadores, no final do século XIX, passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas. Prédios grandes, arejados e bonitos”.

A educação de qualidade teria que ser dada em um ambiente especialmente construído para este fim, e não adaptado. Teria que obedecer prescrições de higiene e salubridade ditadas pelas autoridades competentes, possuir uma pedagogia intuitiva com seus diversos objetos lúdicos, com salas próprias e arejadas, iluminação adequada, vidros e ventilação suficiente.

Neste contexto, com o constante aumento do número de alunos já nos primeiros anos de funcionamento do colégio, e com as limitações espaciais impostas pelo “chalet mágico”,

O primeiro diretor do colégio, Carlos Peretto [...] iniciou a construção da parte central do colégio e da parte da ala direita, parte esta que subiu a uns 6 metros, foi coberta de zinco e serviu para umas primitivas aulas profissionais (encadernação) e (carpintaria). O edifício central (que tinha ficado só nos alicerces) e a parte da ala esquerda foram construídos em 1898 por ordem do Pe. Tomé Barele, diretor (LAGES DE MAGALHÃES, 1990, p. 19).

O novo edifício<sup>5</sup> (Figuras 1 e 2), além de comportar mais que o dobro de alunos e ser um pré-requisito para a prática salesiana de educação, servia também como uma propaganda da força, da moral, da grandeza, da ordem e da qualidade da educação católica oferecida pelos salesianos.

O tamanho da construção, o estilo arquitetônico, a localização central do prédio, os adornos de sua fachada, muito mais do que elementos estéticos, simbolizavam o poder da Igreja Católica representado por uma instituição de ensino confessional. O prédio do *Gymnásio São Joaquim*, no momento estudado, era o maior colégio da cidade e figurava entre as mais belas edificações de Lorena e do Vale do Paraíba.

Era a Igreja fazendo-se ver, a fé materializada em tijolos, impondo-se no cotidiano da cidade e no inconsciente daqueles que fitavam sua imponente fachada.

Em 1902, “foram transferidos para o novo edifício a portaria, a diretoria e outros serviços administrativos, deixando-se o chalé como residência dos salesianos” (EVANGELISTA, 1991, p. 199).

4 Esta denominação foi encontrada em documento escrito pelo Conde Moreira Lima em 1918. Neste, é feita uma narração do contexto histórico em que foi edificada a Basílica de São Benedito e o chalé.

5 O arquiteto responsável pelo projeto da obra foi o Irmão Domingos Delpiano (1844-1920), que fora secretário de D. Bosco. Possuindo um vasto conhecimento em arquitetura, “deixou fama pelos belos projetos arquitetônicos por ele executado no Brasil e no Uruguai” (PONCIANO DOS SANTOS, 2000, p. 219).

85). A sua fachada imponente, a observar a cidade, trouxe implicitamente uma nova dinâmica estético-educacional à vida urbana de Lorena. O colégio passou a ser referencial de educação



Figura 1 (CDOC)

em todo o Vale do Paraíba, adquirindo diversas homenagens em prol do engrandecimento da Pátria e em prol da juventude.

A vós, reverendos Padres Salesianos, bem amados e queridos discípulos de D. Bosco, continuadores da sua obra fecunda, exemplos vivos de perseverança de bondade e dedicação, destemidos missionários do bem, o nosso aplauso sincero pelo muito que tendes feito pela grandeza desta pátria idolatrada (REZENDE, 1913, p.13).



Figura 2 (RODRIGUES, 2006, p. 93)

A imponente construção do Gymnásio São Joaquim (Figuras 1 e 2) obedeceu as regras de iluminação e ventilação suscitadas pela propaganda médico-sanitarista da época<sup>6</sup>.

6 Tematizada a partir das perspectivas dos riscos de propagação dos surtos epidêmicos, a fiscalização da escola sob o ponto de vista higiênico figurou na legislação sanitária paulista desde a década de 90 do século XIX, quer por conta das exigências de ECCOM, v. 1, n. 1, p. 7-15, jan./jun., 2010

Podemos observar essas preocupações no tamanho e na quantidade de janelas, na presença de vidros nas mesmas, no uso de telhas e tijolos, propiciando assim uma maior salubridade dos espaços internos. A disposição pedagógica dos ambientes (Figuras 1 e 2), pode ser identificada pela estrutura da arquitetura, com dois pavimentos e um hall de entrada, formando assim uma planta em H, com um pátio interno.

Essa fachada, que possui duas alas que avançam para a rua, formam em seu interior ajardinado, um ambiente de acolhimento daqueles que adentram o portão principal da portaria.

As alas são como braços protetores que conduzem os alunos e visitantes para o interior do ginásio. As cantoneiras furando o céu, apontam para o infinito e dão um sentimento de domínio.

As colunas suportando as lages salientes sobre a portaria, simbolizam equilíbrio e harmonia. Sobre os pavilhões laterais da esquerda e direita, observamos tímpanos triangulares preenchidos por saliências circulares, que funcionam como olhos a vigiar a cidade.

A Igreja Católica, por meio da arquitetura escolar, procurou fazer-se presente nas cidades. Em meio aos prédios públicos criados pelo incipiente governo republicano, como os Grupos Escolares, Os Fóruns, as Prefeituras, que ostentavam em suas belíssimas fachadas a força e a ordem do novo regime, as instituições de ensino de caráter confessional, como o *Gymnásio São Joaquim*, disputaram o monopólio espiritual da sociedade, ou seja, a arquitetura passou a ter um sentido pedagógico.

O catolicismo, além das homilias nas Igrejas, passou a ser pregado por meio da arquitetura de seus prédios, ou seja, pelo sermão das paredes.

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **Os salesianos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BUFFA, Ester. História da filosofia das instituições escolares. IN: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados. 2002.

EVANGELISTA, José Geraldo. **História do Colégio São Joaquim: 1890-1940**. São Paulo: Salesiana, 1991.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados. 2002.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática. 1995.

LAGES DE MAGALHÃES, Antonio, Pe. **Colégio São Joaquim: 100 anos educando**. Lorena. saneamento dos locais de aglomeração, quer pelas possibilidades que oferecia de identificação precoce das doenças transmissíveis. Nesse sentido, a fiscalização da higiene escolar constituía-se em uma atribuição que cabia a todos os inspetores sanitários indistintamente, voltando-se para aspectos ligados à limpeza dos prédios, funcionamento dos banheiros, cubagem do ar nas salas de aula e identificação de casos de moléstias contagiosas (ROCHA, 2007, p. 243).

São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1990.

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições escolares em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs). **História da educação em perspectiva**. Campinas, Autores Associados, 2005.

MOTTA SOBRINHO, Alves. **A civilização do café**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

PONCIANO DOS SANTOS, Manoel Isaú Souza. **Luz e sombras: internatos no Brasil**. São Paulo: Salesianos, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP& A. 1998.

REZENDE, Antônio Lisboa de. Crônica. **O Grêmio**, 1913, nº4 e 5, p.13).

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. A escola como laboratório. In: BENCOSTA, Marcus Albino Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

